

# AS DIFICULDADES DE ACESSO E PERMANEÇA NA ESCOLA NO INTEIROS DA GUINÉ-BISSAU: UM RELATO AUTOETNOGRÁFICO<sup>1</sup>

Tiago M'Boto<sup>2</sup>

Geórgia Maria Feitosa e Paiva<sup>3</sup>

## Resumo

A Guiné Bissau é um país complexo, plurilíngue e pluriétnico, marcado pelas lutas sociais e políticas e pelas disparidades econômicas e culturais. Estudar neste contexto é desafiador, por isso esse artigo tem como objetivo compreender, a partir da autoetnografia, as dificuldades econômicas, e de deslocamento entre outros enfrentadas por mim enquanto residente do interior da Guiné-Bissau. Para a discussão teórica e metodológica que facilitaram o processo de imersão na minha própria história, contei com os estudos de Chang (2008), Santos (2018), Cá (2015), Joaquim (2020), Seide (2020), entre outros. Neste trabalho, narro a minha experiência no processo de ensino e aprendizagem, apresento de modo reflexivo as diferentes dificuldades que enfrentei desde a minha infância até o ensino médio. Trata-se de um estudo autoetnográfico, pois realizo uma imersão na minha própria história, enquanto sujeito e pesquisador; tal reflexão, balizada pelos escritos de outros autores, que me permitiu conhecer sobre a mim mesmo e o meu país. Com este artigo, pretendo chamar atenção aos governantes da Guiné-Bissau, pesquisadores e público em geral sobre a necessidade de políticas públicas educacionais no país. Porém, a visibilidade corresponde a condição atribuída daquilo que pode ser visível, percebido pelo sentido da vista baseado na minha própria memória, a reflexividade consiste em memória do indivíduo trazendo para fora as vivências através da reflexão do passado. Porém, no que concerne a minha trajetória, eu, na condição de estudante que estudava no interior, compreendi que não era uma tarefa fácil, por isso trouxe a minha reflexão para compartilhar com o leitor sobre as dificuldades que os estudantes enfrentam na zona rural para poder ter acesso e permanência à educação básica. Portanto, a rejeição a conclusão esta ligado a exclusão de estudante no que concerne ao acesso e permanência e a educação que se verifica no interior por parte do Estado.

**Palavras-chave:** Educação. Autoetnografia. Guiné-Bissau.

## Resumo

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Aprovado em 25/07/2022,

<sup>2</sup> Estudante do curso de bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

<sup>3</sup> Docente Adjunto do Instituto de Linguagens e Literaturas e Professora do Mestrado Interdisciplinar do Mestrado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Guiné-Bissau i un pais ku manga di kusas, suma linguas differenti ku etinias, ku ta luta pa un bon sosiedade (djuntamentu) ku pulitika i pa djintis ka mansia na rikesa ku kultura. Studa na es kau i ta disafia, pa es tarbadju tene suma objetivu ntidi nha kansera ku m pasa otcha n moraba na ponta di Guiné-Bissau. Pa discuti i forma es tarbadju ku djuda mburgudja na nha storia, m pega studu di Chang (2008), Santos (2018), Cá (2015), Joaquim (2020), Seide (2020), i utrus. Na e tarbadju, n konta nha pasadu odja ku na sinadu pa pudi aprendi, n konta manga di kanseras ku m pasa disna di nha mininesa até liseu. Es tarbadju na fala di nha storia, pa es n mburgudja na nha storia, suma algin ku ta busca (pesquisa), es ntindimentu diskutidu pa kusas Ku utru djintis skirbi, ku djudan kungsi kin ku n sedu ku nha pais. Ku es artigo, n misti tchoma atenson pa gobernantis de Guiné-Bissau, kilis ku ta busca (pesquisadores) i ku tudu djintis di kuma i pirsis [un bon] forma di eduka tudu djintis na país. (necessidade de políticas públicas educacionais na país).

**Palavras -chave:** Educação. Autoetnografia. Guiné-Bissau.

### **Introdução**

A ideia de escrever este artigo partiu de um trabalho de portfólio, solicitado pela Professora Cristina Mandau Ocuni Cá, ao ministrar a componente: Psicologia de Educação do Desenvolvimento e de Aprendizagem I. No trabalho de portfólio, falei um pouco sobre a minha trajetória acadêmica, desde primeira alfabetização até ensino superior, como também, destaquei algumas dificuldades enfrentadas, na condição de estudante da zona rural da Guiné-Bissau.

Após este trabalho fui convidado pela Professora Cristina Mandau Ocuni Cá para publicar o meu artigo num livro organizado por ela e grupo de professores, com intuito de transformar esse trabalho de portfólio, num artigo para falar um pouco sobre a minha vivencia, bem como, dos outros estudantes da zona rural que enfrentaram a mesma situação, para chamar atenção das autoridades guineenses, dos pesquisadores e do público em geral sobre a realidade dos estudantes nessas áreas e a necessidade de encontrar soluções para melhor a situação dos estudantes e das famílias que residem nas zonas rurais ou melhor, nas aldeias distantes dos centros dos municípios, equivalente aos setores na Guiné-Bissau.

Neste artigo gostaria de compartilhar com os leitores um pouco da minha vivência acadêmica, desde os primeiros anos da escolaridade até 12º ano do Liceu, equivalente ao segundo grau do ensino médio no Brasil. Para isso, me fiz valer da autoetnografia, todavia, o método autoetnográfico consiste em procurar revelar o conhecimento de dentro do Fenômeno, mostrando o aspecto da cultura do indivíduo. Também é um método científico que se fundamenta nos pressupostos de Stacy Holman Jones, Tony E. dams e

Carolyn Ellis (2013) e Chang (2008), que propõem a autoetnografia organizada em quatro etapas: a visibilidade; reflexividade; vulnerabilidade; e rejeição a conclusão.

Além, disso, este trabalho parte de uma autopercepção acerca dos desafios enfrentados na trajetória acadêmica de um estudante proveniente da zona rural da Guiné-Bissau, tendo como objetivo compreender sua história a partir da autoetnografia, pela qual objeto de pesquisa e pesquisador se fundam para a construção de uma autorreflexão sobre uma experiência pessoal.

A minha experiência surge dentro de um contexto sociocultural e étnico balanta, é de salientar que a etnia balanta, cujos membros do sexo masculino passam por um ritual de passagem chamado fanado (circuncisão). A tradição do fanado é propagada por anciãos da tabanca (homens velhos e são respeitados na comunidade) porque o fanado é considerado a última etapa da formação do homem na etnia balanta.

. Por outro lado, e de salientar que o processo de fanado ocorre na etnia Balanta quando o indivíduo atinge aproximadamente 18 a 25 anos por diante. Lembrando que tem sempre atraso no que concerna a entrada dos meninos residentes da zona rural na escola, quando chegar esse momento de fanado que é um ritual muito importante na etnia Balanta, os meninos acabam abandonando a escola para cumprir o ritual. No final de tudo, torna difícil encontrar essa pessoa depois do fanado voltar para escola.

Pois estudar neste contexto sociocultural é muito desafiador, além disso, na fase da adolescência que é chamado da fase de NGHAYE, a pessoa assume uma responsabilidade dentro da casa, como trabalhos de lavoura entre outros, na fase de jovem que é penúltima fase aqui a pessoa assume a maior responsabilidade, no caso a ausência do pai a pessoa fica responsável de tudo, também nesta fase é legítimo a pessoa se casar, então os desafios são enormes

Para compor essa discussão, trouxemos alguns autores para ajudar na construção desta narrativa, como por exemplo cá (2015), que discutiu sobre a educação da sociedade guineense contemporânea; Joaquim (2020), o qual fez um breve relato sobre o percurso estudantil de Bubaque à Unilab; também sobre o tema da educação e da sua baixa acessibilidade na Guiné-Bissau, recorremos aos estudos de Seide (2020).

No que concerne a organização do trabalho, este texto está dividido em quatro tópicos. O primeiro tópico é sobre a autoetnografia enquanto metodologia de pesquisa narrativa e científica. No segundo tópico, intitulado “O “eu” objeto sob o ponto de vista o “eu” pesquisador”, trazemos um relato sobre as circunstâncias sociais, geográficas e culturais que balizam a narrativa; no terceiro tópico, apresentamos os “Os desafios da

trajetória educacional na Guiné Bissau” e no quarto comentamos sobre a “a realidade de um estudante guineense que reside em uma aldeia distante da escola”.

### **1. A autoetnografia: um mergulho na própria história**

O início deste trabalho nos baseamos na memória do próprio autor, trazendo a sua experiência de vida como instrumento fundamental do trabalho para descrever as dificuldades de acesso e permanência a educação no interior da Guiné-Bissau. Considero esta parte importante na minha trajetória acadêmica, com a qual gostaria de apresentar a minha versão, que acredito também se confundir com a história de muitos guineenses que moram longe da capital.

A autoetnografia é um método de pesquisa que permite o sujeito realizar uma reflexão crítica sob uma perspectiva cultural e social sobre a sua própria história. Por entender que a Guiné Bissau é um país, cujas disparidades econômicas e sociais engendram as políticas de acesso à educação, eu e a minha orientadora consideramos que o uso da autoetnografia seria uma forma preciosa de colher dados sobre um passado vivido, relevante para caracterizar o objeto de estudo.

Grosso modo, podemos dizer que a autoetnografia é um método que se sustenta e se equilibra em um “modelo triádico” baseado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica – cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo – cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo. (CHANG, 2008 apud Santos, 2017, p. 218)

O modelo triádico proposto por Chang (2008), de modo algum, pretende apresentar a história do sujeito de forma segmentada, até porque a memória de um sujeito está intimamente relacionada as experiências que ele teve em determinadas circunstâncias históricas e sociais, deste modo, a sua versão enquanto sujeito da pesquisa é marcada pelo afeto, pela memória, pela força da narrativa que rompe os preceitos mais positivistas da ciência. Deste modo, fazer autoetnografia apresenta o pesquisador como sujeito de pesquisa, como membro de comunidade, que observará a sua história com um olhar mais reflexivo.

Isso evidencia que a reflexividade assume um papel muito importante no modelo de investigação auto etnográfico, haja vista que a reflexividade impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria

contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação. (SANTOS, 2017, p. 218)

Com base em Santos (2017, p.220) compreende-se que a autoetnografia é um método que pode ser usado na investigação com a escrita, já que o seu objetivo é escrever ou fazer análise sistemática da experiência pessoal, para isso, ressalto que a minha experiência baseia na formação sociocultural da minha etnia que é Balanta que segundo pesquisa realizado no país pelo Instituto Nacional de Estatística e Censo (INEC) em 1991, apresenta que os grupos étnicos da etnia Balanta ocupa importância numérica de 26% e a sua sistema familiar de representação familiar e patriarcado.

Porém, a partir do nascimento, do indivíduo na etnia balanta, pois, na fase de crescimento dessa criança seja ele do sexo masculino ou feminino, o sujeito passa por várias etapas sociais que server como processo de educação tradicional. Essa começa de rituais desde adolescência até idade considerado madura, no caso da mulher, o casamento e do homem, o fanado (circuncisão). Para tanto, a pesquisa autoetnografia reconhece inúmeros maneiras por meios das quais experiência pessoal pode ser influenciada no processo de investigação.

Neste artigo, a escrita da minha história atuará como uma técnica de condução do encadeamento lógico das memórias vividas e dos processos subjetivos ali vivenciados, enquanto estudante que percorreu longos caminhos até cruzar o Atlântico. O método autoetnográfico levou o meu “eu” pesquisador a mergulhar nas próprias reflexões das experiências vividas no passado.

A autoetnografia que realizo na minha investigação e neste caso evidenciada com fortes traços da autobiografia, trazem os relatórios de minha experiência. Mesmo que seja pouco comum no universo onde estudo, em meio a antropologia, não há forma de apresentar este contexto que investigo que não seja tratando das histórias de vida e dos relatos endógenos que apresento. Cabe dizer que este se comunga e se revela na interação com o relato dos outros, uma prática mais usual da antropologia. A escrita então vai se revelando a cada momento de uma experiência em comum com a comunidade, (MEDEIROS, 2019, P.46).

Compreende-se que o trabalho autoetnográfico sublinha a importância da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção de conhecimento no estudo sociocultural, não só, mas também a autoetnografia permite o pesquisador organizar e transpor o seu estudo as suas experiências emocionais relatando tudo isso no seu trabalho de pesquisa.

A autoetnografia pode ser, por exemplo, uma investigação acerca das experiências pessoais de um processo de pesquisa ou um estudo sobre as experiências do pesquisador e dos participantes da pesquisa ou ainda um trabalho a respeito da experiência do pesquisador durante a condução de uma parte específica do estudo. Alguns pesquisadores podem, ainda, usar a autoetnografia para retratar experiências vividas por eles mesmos e que, normalmente, não seriam reveladas. (ELLIS; BOCHNER, 2000, *apud*, MAGALHÃES 2018, p. 19)

Além do que já citaram os autores, vejo a autoetnografia maior que um método científico, vejo como um instrumento de transformação, pois espero que a minha experiência como estudante que estudava na zona Rural na Guiné-Bissau possa chegar ao público, que está na mesma situação que eu estava e contribuir de forma positivamente no processo de acesso e permanência nas escolas por parte dos alunos que moram longe dos seus campos de estudo que têm muitas dificuldades para chegar à escola por falta de políticas públicas adequadas no país

## **2. O eu objeto sob o ponto de vista o eu pesquisador**

Conforme Monteiro (2020, p.4), a Guiné-Bissau está situada na Costa de África, limitada a Norte pela República do Senegal, a Leste e Sul pela República da Guiné-Conacri e a Oeste pelo Oceano Atlântico. A Guiné-Bissau tem aproximadamente 36.125 km<sup>2</sup> neles devem morar cerca de 1.920.917 habitantes, divididos em diferentes etnias.

Sua população é formada por vários grupos étnicos, basicamente: Balantas 30%, Fulas 20%, Manjacos 14%, Mandingas 13%, Papeles 7% e outros 16%” que ocupam diferentes regiões. Atualmente, o país é composto por oito regiões que são: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali e setor autônomo Bissau.

Eu nasci em dezesseis de dezembro de mil novecentos e noventa e quatro no setor de Cacine, parte da região de Tombali sul da Guiné-Bissau com 72 km. Faço parte de uma das etnias que ocupa a primeira posição, a etnia balanta.

A etnia Balanta é diferente das outras etnias existentes na Guiné-Bissau, ela é considerada uma etnia que apresenta uma organização social político horizontal, ou seja, não dispõe de um líder que controla todo o poder na sociedade, como o caso do régulo. Portanto, na etnia balanta não existe um único chefe como se verifica nas organizações sociais das outras etnias da Guiné-Bissau, como as etnias Fula, Manjaco, Mandinga entre outros. Sobre a questão da estrutura da formação familiar balanta, Seide comenta que;

A etnia BALANTA como a maioria das etnias guineenses apresenta o sistema familiar alargada, isto é, todos tipos de laços familiares são considerados importantes. Por isso, às vezes, se verifica uma tabanca (aldeia) em que todos os membros são da mesma geração, ou seja, todos têm algum grau de parentesco, por isso, a questão de familiaridade é muito valorizada (2017, p.19)

Considerando Seide, ressalto que a minha composição familiar está estruturada por um sistema democrático, pelo qual que não é só a minha mãe, meus pais e os meus irmãos que opinam e participam das decisões, parentes mais distantes também opinam no dia a dia.

Para Seide a família significa laços de sangue, o sentimento de identificação, pela via de transmissão de imperceptíveis marcadores genéticos, que permitem, com segurança, quase científica, o estabelecimento da relação de paternidade ou maternidade de sucessivas gerações, determinadas pelos laços sanguíneos. (SEIDE 2013, apud, RUTH, 2013)

Na família dos meus pais, somos seis filhos, sou o quarto filho dos meus pais, tenho três irmãos mais velhos e dois mais novos, e somos todos homens. Com relação a profissionalização, meus irmãos não têm nenhuma formação acadêmica, o mais velho não estudou muito devido a influência da sociedade em que os nossos pais estava, entretanto o segundo, estudou até concluir o 11º ano da escola, e atualmente trabalha como pedreiro, e anseia um dia poder continuar os seus estudos.

Meus pais tentaram ajudar meu terceiro irmão a concluir sua formação e ingressar no ensino superior, mas isso não foi possível, e apenas eu consegui, superando diversos obstáculos. Meus pais não tem um nível elevado de escolaridade, meu pai tinha estudado até sexto ano, e para continuar seu percurso educacional, ele deveria sair da nossa cidade e morar na capital ou Catio para poder continuar seus estudos, mas isso não foi possível, pois, por ser o mais filho mais velho, teve que ajudar a família.

Não muito diferente dele, minha mãe também não pode estudar, assim como a maioria das mulheres guineenses sofrem com a falta de oportunidades educacionais, especialmente no contexto da Guiné Bissau, onde as mulheres são criadas para o casamento e este é o único futuro que lhes espera.

## 2 Os desafios da trajetória educacional na Guiné Bissau

Aos 5 anos, saí de minha cidade natal e fui levado para cidade Bissau pelo meu tio. Embora tivesse muita vontade de estudar na época, não consegui, e foi com a ajuda de amigos que comecei a dar meus primeiros passos na alfabetização. Lembro que a primeira coisa que eu pedi para aprender a escrever foi o meu nome, o nome da minha mãe e do meu pai. Era numa tarde, quando estávamos brincando no chão, num local, próximo da casa, em que vivia.

Para realizar o meu sonho pedi a um amigo para me ensinar a escrever o meu nome, e dos meus pais. Eu me lembro que o meu amigo segurou o meu dedo, apontou ao chão e começou a desenhar as letras do meu nome e foi assim, que aprendi pela primeira vez a escrever o meu nome e dos meus pais.

Recordo-me que escrevendo no chão era a forma mais fácil para poder escrever porque não sabia como segurar uma caneta ou lápis, e assim continuei até aos nove anos de idade. Naquela época, eu não frequentava nenhuma escola de ensino primário só aprendia com os meus amigos.

Quando comecei a frequentar a escola dominical na igreja Evangélica de Aeroporto, comecei aprendia a memorizar as histórias da bíblia e os versículos que os professores da escola dominical nos contavam, as histórias eram na forma oral, às vezes, nos davam alguns versículos impressos no folheto para memorizarmos em casa.

Porém, mas como eu não sabia ler na altura, pedia sempre ajuda das pessoas que tinha nível que eu para a judiar-me na memorização dos versículos,

No início de ano 2003, a minha tia, esposa do meu tio, me matriculou pela primeira vez na escola, a escola era privada, mas era uma escola que todos os alunos levavam seus banquinhos para se sentarem e depois apoiavam o caderno nas pernas para escrever, nós a chamávamos a Escola de Carga Banco, equivalente em português Escola de levar Banco para se sentar. Segundo Cá (et al. 2020) esse modelo de escola existia desde período colonial e depois da independência da Guiné-Bissau passaram “a ser chamadas de *escolas de explicações*. São particulares e montadas nas casas dos professores, na maioria das vezes, na frente da casa, na varanda, no quintal da casa” (p. 24).

Essa escola tinha um método de ensino herdado de colonos, lá, os professores batiam muito nos alunos, e eu tinha muita dificuldade com a leitura, embora praticasse muito em casa. Acredito que o modo de ensinar, baseado na violência e no castigo, comprometia meu desempenho de aprendizagem.

Devido à dificuldade econômica, de deslocamento, falta de meio de transporte para escola, de pagar propina entre outros, além disso, não conseguia alcançar o padrão ou superá-lo. Sobre a metodologia usada nessas escolas de explicação, Mané, (2020) descreve um pouco do que vivenciou. Segundo a autora,

Todas as sextas-feiras, o dono da escola Kaby tirava todos os alunos das salas e fazia uma grande roda no meio da rua e colocava no centro à palmatória. O professor escolhia um aluno e perguntava a tabuada, se a primeira criança não acertasse e a próxima acertasse, esta pegava a palmatória e batia nas mãos da criança que não acertou a tabuada. Se a criança batesse levemente, por pena de machucar a amiga, o professor saía do seu lugar e batia forte na criança que tinha pena do/a colega. O mesmo acontecia com a leitura; o professor pedia para ler um texto, quem tivesse dificuldade e o próximo conseguisse ler bem, batia na outra criança que não acertou. Isso era de praxe todas às sextas-feiras. (MANÉ, 2020, P.37).

Identifiquei-me muito com Mané (2020), pois eu lembro que faltei por três dias, querendo desistir, porque não aguentava mais a surra, mas fui obrigado a voltar e lá, quando cheguei recebi algumas palmadas, fui obrigado a me ajoelhar nas pedrinhas segurando duas pedras nas mãos e estender as mãos, se a mão descia do nível recebia outra surra.

Tal prática aumentou bastante o índice de evasão da escola. Também, a metodologia de ensino da Guiné-Bissau foi discutida pela Cá (2020). Para autora a metodologia usada na época, conforme Freire e Guimarães (2003 *apud* CÁ, 2009, p. 49):

O método era o “magister dixit”. Aí não havia diálogo. O professor era o homem que sabia tudo e que ensinava tudo, os alunos só tinham que aprender. E tinham que aprender, porque se não aprendessem apanhavam de palmatória. Eu ainda fui do tempo da palmatória, da vara. Felizmente não apanhei, talvez porque...não digo que fosse um estudante brilhante, mas, das turmas por onde passei, muitas vezes eu era como que um auxiliar do professor, para fazer perguntas, fazer as lições dos meus colegas. (GUIMARÃES 2003 *apud* CÁ, 2009, p. 49):

Acredita-se que a metodologia como essa, em vez de estimular o aluno a permanecer no processo de ensino aprendizagem, pelo contrário eleva mais o índice de evasão escolar. Como exemplo, a escola de explicação que eu frequentava, quase mais de

que metade da turma tinha mudado para a escola pública; que é o liceu de Afia inclusive, eu.

Foi no Liceu de Afia que conclui o processo de alfabetização e comecei a frequentar uma escola privada, de ensino primário, Escola Amizade Betel. Nessa escola estudei na 1ª e 2ª classe (série), entre os anos de 2003 e 2005 na cidade de Bissau. No ano seguinte, quando chegou o meu pai foi a Bissau, ficou sabendo que eu estava estudando 2ª classe, ele ficou bastante decepcionado. Isso porque nem tudo ficava às claras, pois o meu tio visitava a casa do meu pai e dizia para ele que eu estava estudando num nível muito avançado, quando, na verdade eu frequentava apenas escola de explicação, que não era uma escola oficial, para habilitar o aluno de um nível para outro.

Porém, quando o meu pai descobriu, eu expliquei a ele muito bem que o meu tio não me matriculou na escola desde momento em que cheguei a Bissau, o meu pai ficou furioso e ali houve um desentendimento entre eles, e foi assim que retornei ao interior. Regressei para Cacine em novembro de 2007, onde continuei os meus estudos na escola pública da minha comunidade, em Camiconde.

### **3 A realidade de um estudante guineense que reside em uma aldeia distante da escola**

Nas aldeias guineenses, a grande parte dos moradores enfrentam dificuldades de acesso a saúde pública e a escola para os filhos estudarem. Situações como essa acabam levando muitas famílias a entregarem seus filhos para um parente sem estrutura e sem condições para mantê-lo, como foi o caso do meu tio.

Como eu disse anteriormente, assim que meu pai descobriu que fiquei em Bissau por muitos anos sem frequentar uma escola oficial resolveu me levar de volta para casa. Regressei para Região de Tombali e para o meu setor Cacine (equivalente ao estado aqui no Brasil), em novembro de 2007, quando continuei os meus estudos na escola pública da minha comunidade, em Camiconde.

Infelizmente, a escola de Camiconde era uma escola de ensino primária que atendia de 1ª classe a 4ª classe. Na maioria das vezes, algumas escolas que ficam próximas das aldeias, na zona rural da Guiné-Bissau são escolas de ensino primário, que às vezes sofrem com a falta de professores. E quando o aluno atinge um nível mais avançado já começa a enfrentar as dificuldades.

Depois de 6 meses na Escola Pública de Camiconde na época, eu estava a estudar 4º ano, chegou um decreto em que os professores contratados não podiam mais continuar exercendo o papel de professor nas escolas naquele período. É importante ressaltar que a escola citada não dispunha dos professores efetivos, apenas poucos profissionais contratados, e que o Estado rompeu contrato e os mandou embora.

Entre os professores contratados, tínhamos um professor de nome Sana Camará, ele era um dos melhores que a gente tinha na escola na altura, mas infelizmente, era professor contratado, e com a demissão dos professores contratados ele tinha que ir embora. Portanto, com a demissão dos profissionais contratados começávamos a enfrentar grandes dificuldades, lembrando que as escolas públicas no interior há sempre carência professores porque maior parte dos professores ficam apenas na capital, por falta de responsabilidade do Estado em garantir a educação de qualidade para as pessoas de zona rural através dos profissionais de qualidade. Por isso tínhamos falta de professores, por isso muitas das vezes ficávamos sem professor.

Para que a gente não ficasse sem estudar por causa de demissão dos professores contratados, o professor Umaro ocupava esse lugar, ele passava a trabalhar ou lecionar em duas turmas ao mesmo tempo para não nos deixar sem professor. Porém, lembrei que a gente fazia muito barulho quando ele voltou para outra sala porque não tinha, mas ninguém para nos controlar, é só para mostrar como era na altura ou como a falta de professores interferiu no ensino e aprendizagem dos alunos, porque a gente não aprendia nada na altura só fazíamos barulho. Às vezes ele nos liberava cedo, antes de hora, pois ele também se ocupava de outras duas turmas no mesmo horário, era sem dúvida, um grande desafio para ele também.

Depois desse relato vale frisar que atualmente a situação aqui referida tem melhorado um pouco, pois algum tempo atrás era muito gritante. As escolas nas zonas rurais são as mais desvalorizadas principalmente as escolas públicas se o aluno não se esforçar ninguém vai se importar. Uma vez que o próprio, governo da Guiné-Bissau não se importa com a educação das pessoas que estão nas zonas rurais do país, é como se fosse a Guiné-Bissau se restringisse somente a capital Bissau.

Havia e ainda há muitas dificuldades enfrentadas pelos estudantes das escolas das zonas rurais da Guiné-Bissau, por exemplo, numa escola em que eu estudava tinha, um pavilhão, apenas duas salas de aulas para muitos alunos. Devido a superlotação era comum numa carteira em que cabia apenas dois alunos passava a sentar três ao mesmo tempo.

O desconforto era muito grande, porque além de superlotação dos alunos, as carteiras para sentar-se eram incompletas e da pior qualidade. Assim como foi para Mané, “não tínhamos uniformes, então, cada criança ia para escola como podia” (MANÉ (2020, p. 38). Também sofriamos com barulhos que poderiam interferir nas condições de aprendizagem de aluno dentro da sala de aula, também havia dificuldade no momento de escrever principalmente no caso dos/as alunos/as que se sentavam juntos os três numa só carteira ou cadeira.

Portanto, quando passei para o 5º ano, passei a estudar na escola pública de sector de Cacine, equivalente ao município aqui no Brasil. A escola pública de Cacine atendia de pré-escolar a 6º anos só que, a distância de Camiconde para Cacine (ou da minha casa a escola) era de 7km. Enfrentar uma longa caminhada todos os dias, era mais difícil para mim e para os alunos, que iam e voltavam, e acabavam percorrendo 14km para estudar.

Para diminuir a dificuldade, existiam alunos que iam de bicicleta, e outros, como eu, não tinham qualquer transporte e percorriam a pé esses 14km todos os dias para atingir o objetivo. Vale lembrar que no meu caso, não tinha ninguém da família para me acompanhar no meu processo acadêmico, e muito menos para me orientar nas tarefas das escolas, ou seja, não havia encorajamento perante as dificuldades. Essa dificuldade solitária era enfrentada por mim e por outros alunos que estudavam comigo. No meu caso, sendo filho de pais camponeses, a situação era ainda mais difícil.

No meu caso, eu tinha que ajudar no trabalho de campo para depois ir à escola, independentemente de trabalho de campo que eu tinha que fazer também tinha que reservar um tempo para estudar as minhas matérias. Essa era a realidade cotidiana dos alunos que estudam nas zonas rurais da Guiné-Bissau, lembrando que na Guiné-Bissau ainda não se discutia política pública, ou melhor, essa política não era aplicada na prática, como aqui no Brasil, em que as prefeituras disponibilizam os ônibus para procurar os alunos que moram distante das escolas.

Em Cacine, como tinha só até 6º ano, eu não tinha como continuar o meu estudo e não tinha mais o lugar para ficar na cidade Bissau que fica a 272km quilômetros da minha aldeia, decidi falar com o meu tio novamente (aquele que me levou a capital Bissau e não tinha me colocado na escola) para me receber em Bissau a fim de continuar 7ª classe e seguir o primeiro grupo, porém, o que parecia fácil a princípio, tornou-se bastante difícil com o passar do tempo.

Eu estudava todas as manhãs das 7h a 12h, quando chegava em casa do meu tio tinha que preparar a comida, entre outras atividades domésticas. No entanto, três meses

depois quando o meu dinheiro acabou comecei a sentir as dificuldades tanto para comprar fascículo (texto) da escola como de comprar algumas coisas para fazer a comida. O meu tio ficava um mês no quartel sem voltar para casa e nem se preocupava saber como eu estava em casa, às vezes eu ligava pra ele e ele não atendia a chamada.

Lembro que muitas vezes os vizinhos me ajudavam com a comida. Quando ele recebia seu salário comprava poucas coisas, passei por momentos muito difíceis por lá e depois dos quatro meses comecei a adoecer de dor de estomago inchaço nas mãos e não tinha dinheiro para ir ao hospital. Daí, resolvi abandonar os estudos e perdi aquele ano letivo. Voltei para Cacine, para a casa dos meus pais.

Desse modo, depois que regressei de novo para Cacine, no ano seguinte, entrei na escola privada que é Escola Evangélica Betel EEB, em Cacine. A realidade dos alunos que estudam na zona rural da Guiné-Bissau, independentemente das dificuldades enfrentadas, era de grande escassez. Havia falta de Liceus, que é o fator fundamental, também limitam as escolhas dos alunos no que concerne a escolha de grupo dos níveis a seguir na 10<sup>a</sup> a 12<sup>a</sup>, equivalente ao Ensino Médio, aqui no Brasil.

Diante da situação, para não ficar sem estudar, a pessoa era obrigada a fazer qualquer grupo para poder continuar o seu estudo, porque não tinha professores suficientes para lecionar todos os grupos, que por sua vez, eram divididos em áreas exatas, humanas e biológicas. Quando comecei a conhecer a importância da escola, me apaixonei pelas áreas exatas. Queria muito estudar disciplinas exatas, mas como não tinha lugar para ficar optei em estudar, em Cacine, na escola privada de 7<sup>a</sup> a 11<sup>a</sup> classe e na escola privada, só ofertava um grupo, o que limitou as minhas oportunidades de escolha.

Iniciei o 7<sup>o</sup> ano na escola Evangélica Betel EEB de Cacine no ano de 2012. Embora estivesse mais perto das minhas famílias, a distância para chegar à escola continuava grande, percorria diariamente 14 km a pé e ainda pagava a mensalidade com muita dificuldade, de três em três meses, tendo em vista, que eu não era o único filho dos meus pais que estava a estudar, nós somos seis, incluindo meu meio irmão, então revezávamos os pagamentos.

Diante deste cenário, meus pais não tinham condição para pagar as minhas mensalidades escolares porque todos estávamos a estudar, portanto cada um se virava para pagar a sua própria propina com exceção dos meus irmãos mais novos.

Assim como eu, há uma grande quantidade de alunos que batalhavam para manter os seus estudos; suportando o desgaste físico e psicológico afetado pelo longo percurso feito a pé todos os dias no caminho da escola para concluir os estudos. Eu me lembro que

muitas das vezes saía sem comer, com fome só porque a minha mãe sempre se preocupava com outras tarefas, mas eu não a culpo porque ela não tinha oportunidade de estudar na época dela. A concepção acerca da educação para a minha mãe era diferente da minha, esta disparidade reflete uma sociedade segmentada com base no trauma deixado na Guiné-Bissau durante o período colonial. Porém, segundo Lourenço Ocuni Cá;

Na Guiné-Bissau, como em quase todos os países africanos que seguiram este modelo educativo introduzido pelo colonialismo, somente uma pequena percentagem, em torno de 10% a 15% dos alunos que começavam a escola primária, conseguiram chegar ao secundário. Apesar da evasão da grade maioria, o ensino primário não constitui em si um verdadeiro processo de aprendizagem, na medida em que não era mais que uma etapa preparatória para algo que viria depois. Isto implicava uma dupla consequência negativa: a) a grande maioria que não chegava ao secundário voltava ao meio rural com um sentimento de inferioridade devido ao fracasso escolar e, sobretudo não tendo aprendido nada de realmente útil à sua integração na produção e na vida comunitária (CÁ 2000, p.9)

Com base nesta citação, compreende-se que muitos que não conseguiam aproveitar de vantagem do estudo não podia ter uma boa lembrança da escola ao ponto de deixar os seus filhos estudarem, porque em primeiro lugar essa educação como mostra Cá 2000, “representava para o jovem o distanciamento progressivo da sua realidade de onde eles eram originárias a comunidade rural e a sua integração gradual em um universo antagônico, o mundo urbano em que o trabalho intelectual e manual não se misturava”. Concernente a isso não podemos deixar a questão de gênero, como mostra o Relatório FALA DE MINDJERES

A formação das raparigas depende muito da importância que a família atribui ou não ao casamento, em detrimento da formação e emancipação da mulher. Quanto maior for a identificação da família com o idealismo social dominante, “mulher é em casa” menor será a probabilidade de escolarização da rapariga e prosseguimento da formação avançada. Isto porque se acredita que, quanto maior for o nível de instrução da rapariga, maior é a probabilidade de recusar o casamento arranjado pela família e menor será a sua submissão no casamento. (FALA DE MINDJER, 2018, pp. 46-47)

A formação da mulher era voltada para o lar, compreende-se que toda preparação que recebia é de como cuidar de seu marido, ela era preparada para isso não para estudar, portanto a minha mãe não consegue ter acesso a escola. Com relação a isso, Monteiro (2020) ressalta que os dados estatísticos de diferentes setores sobre situação

alarmante das mulheres: “56,28% da população adulta é analfabeta dentre as quais 64.12% são mulheres, e em termos da idade de frequentar a Escola 17 Secundária encontram-se 27,3% dos rapazes e 19,9% raparigas” (FALA DE MINDJER, 2018, p. 27, apud, Monteiro, 2020, p.17).

Talvez pela sua vivência, ela parecia não dar a mínima importância a escola nos primeiros tempos, porque não havia boas oportunidades de trabalho para muitas pessoas que tinham bom nível de estudo, e muitos estudavam até concluir 12º não tinha condição para fazer o ensino superior. Portanto, Siga afirma que;

Segundo o plano setorial da educação (2017) no que toca ao acesso e a conclusão entre gêneros entram 80% dos meninos e conseguem terminar 72% enquanto que as meninas entram 75% e só consegue terminar 48%, um diferencial enorme. Como pode se constatar no acesso a diferença é de cinco pontos, mas já na conclusão é de 24%. Outro aspeto tem a ver com a oportunidade do serviço escolar, ou seja, de continuidade. Segundo ainda o mesmo documento, no total das escolas a nível nacional só 25% consegue ofertar as classes completas do primeiro e segundo ciclo do ensino básico, quer dizer de primeiro a sexto ano. Os alunos são obrigados a se deslocarem para outras escolas ou até para outra região para poderem dar continuidade aos seus estudos. Esse processo de deslocamento é um dos fatores de abandono escolar que, por outro lado tem mais impacto nas meninas do que em relação aos meninos, pelos motivos já citados acima (FERNANDO SIGA 2020, p115)

Por essa razão, para ela, a escola não tinha futuro, mas o trabalho do campo sim; para ela (minha mãe) eu estava perdendo meu tempo com coisas de “brancos” foi assim que ela me dizia, mas eu não desisti continuava esforçando todos os anos.

Sobre essa disparidade, Domingos Moreira debate a questão de desigualdade que se encontra no setor da educação entre homens e mulheres, mas neste âmbito, o foco principal aqui é das mulheres ou meninas, que estudam no interior do país e sobre como isso pode afetar ainda mais o futuro dessas meninas.

Desigualdade entre rapazes e raparigas e entre as regiões: uma diferenciação importante entre rapazes e raparigas é notória a partir do acesso à primeira classe do ensino básico com 27.600 rapazes para 20.600 raparigas (relação 1,34%) em 1999/2000. Esta diferenciação se aprofunda, à medida que se avança nos anos de formação, para atingir uma relação de 1,60% na quarta classe. A desigualdade de acesso à educação é mais marcante no meio rural do que nos centros urbanos (100% de acesso para os rapazes nos centros urbanos contra 92% para as raparigas e 95% de acesso para os rapazes no meio rural contra 60% para as raparigas). As taxas de retenção são igualmente mais fracas para as raparigas (57% dos rapazes atingem a 4ª classe contra 37% para as

raparigas). Enfim, disparidades regionais importantes subsistem no que respeita à taxa bruta de escolarização (apresentando taxas mais baixas a região de Bafatá com 37,7% e a região de Gabú com 47,9%). A taxa de analfabetismo geral é atualmente estimada em 65% dos homens e em 82% para as mulheres. Todavia, o fenómeno continua a merecer preocupação pela inexistência de uma política nacional no domínio, apesar do plano quadro ter delineado importantes elementos de política que aguardam a adoção pelas autoridades competentes. (MOREIRA 2006, p.32)

Apesar de pouco apoio, em 2014, estava a estudar o 9º ano e naquele ano eu fui escolhido como professor auxiliar de jardim em ausência do Miguel, que era o professor principal, lecionei por um mês, depois pedi demissão; porque não estava a conseguindo dar conta das minhas disciplinas como estudante de nono ano. Fiz o meu maior percurso no mesmo sector de Cacine região de Tombali sul do país Guiné-Bissau; estudei até 11º ano entre 2015 e 2016.

Depois de eu ter concluído o 11º ano, em 2016 tinha que mudar da escola e de região para poder continuar meus estudos, e assim como para Janílson Martinho (2020, p 110) não foi nada fácil: “Essa mudança de escola foi muito difícil, pois tive que deixar os meus amigos, o meu professor e entrar em um novo mundo. De princípio andava muito sozinho, o horário das minhas aulas mudou, fiquei a ter aulas no período da manhã”.

Entre os anos de 2016 e 2017 conclui o 12º ano no Liceu Padre Leopoldo Pastori em Bafafá, região leste do país. Como citei acima sobre a mudança de escola e de uma região para outra, no meu caso, de Sul para o Leste, não foi nada fácil. Para mim, era outro mundo, ali era muito mais difícil, longe da minha família, dos meus amigos, dos lugares de conforto. Diante disso, a dificuldade de pagar a mensalidade era novamente um problema porque ali pagávamos mensalmente, pois tinha que batalhar muito para aprender outro tipo de vida diferente daquela que eu tinha em Cacine. Esse fato serve para mostrar como era o dia a dia dos estudantes guineenses nas zonas rurais do país. Ainda sobre esse assunto, afirma o Paulo Joaquim;

Onde eu estudava não era perto, sendo assim, percorria toda aquela distância muita das vezes a pé até ao final do ano letivo. Mas, - 184 - por fim, deu tudo certo, porque o meu resultado foi atingido com êxito. Já no ano letivo seguinte, queria logo começar a minha formação académica superior, mas não deu certo! Havia como barreira, questão económica. O montante que cobrava para formação, não era igual ao que cobrava no ensino médio. (JOAQUIM, 2020.p 184)

Em março de 2018, retornei à capital Bissau, pela chamada de missionaria Coreana da Igreja evangélica residente em Cacine para trabalhar com outra missionária Coreana também residente em Bissau. Com ela, trabalhei como professor da língua crioula e também trabalhei como professor com a outra missionaria espanhola.

As Missionárias só falavam idiomas deferentes do meu, a outra falava coreano e inglês e a outra só espanhol e português, enquanto eu só falava crioulo e um pouco de inglês e português, e durante esse processo, como professor, aprendi muito com elas; trabalhei como professor de crioulo durante um ano e meio, dentro desse período aprendi trabalhar como professor ao mesmo tempo atuei como jardineiro na casa da Missionaria coreana.

Para sobreviver e conseguir concluir meus estudos e com objetivo de ter novas oportunidades laborais, me inscrevi no curso básico de inglês ao mesmo tempo fazia curso básico de português. Era uma rotina intensa, estudava português de manhã e lecionava língua crioula das 15h a 17:30, enquanto a minha aula de inglês era das 18h 19:30, depois a noite ensinava mais inglês em casa para alguns adolescentes que estavam no primeiro nível de curso de inglês, enquanto eu estava no 4º nível de inglês.

A convivência com as missionárias ajudou-me bastante em ter a experiência de outro tipo de vida, ali comecei a compreender que cada momento passado na vida de uma pessoa é uma experiência adquirida, um degrau alcançado. Tudo o que eu passava ajudava-me a entender que existem diferentes formas de se ganhar dinheiro num país, mas isso varia de região para região, dependendo do tipo de atividade produtiva que se encontra nesta região. Todas as dificuldades que estudantes enfrentam no interior, tem a ver com falta das escolas como os Liceus, que deveriam ser mais abundantes no interior do país, como menciona cá (2015, p.248).

(...)talvez a volta de internatos só não resolva o problema, porque o fato dos liceus da Guiné-Bissau serem concentrados em Bissau, já complica a situação dos alunos oriundos das outras regiões do país, porque em todos os colégios guineenses – sejam eles das regiões, ou da capital Bissau – quando os alunos concluem a 9ª classe, vão para diferentes liceus, que se concentram na referida capital. Cá (2015, p.248).

A falta de incentivo a educação estimula o êxodo rural, que é fuga de jovens do interior para cidade são consequências importantes para a economia do país. Diante de tudo que já foi apresentado nesse ensaio, concordo com Ocuni Cá quando ela enumera alguns depoimentos de pessoas que passaram pelo mesmo que passei:

De igual modo, as crianças e os adolescentes cujas escolas ficam distantes do local onde vivem com os pais também vão para Bissau, a fim de estudarem. Conforme a entrevistada, a maioria só come uma refeição por dia e, para ter mais refeições, contam com a ajuda dos vizinhos e das vizinhas. Por essa razão, a referida entrevistada acha que, se tivesse um liceu em cada Região/Estado da Guiné-Bissau, esses alunos escolheriam liceus mais próximos das suas casas para estudarem, porque, segundo a entrevistada, muitos vêm para Bissau e, quando não dá certo a sua inserção escolar, acabam entrando no mundo do crime (CA, 2015, P.248)

Quando eu cheguei à capital Bissau morava no bairro de São Paulo <sup>4</sup>. Para os que conhecem Bissau, devem saber que esse bairro fica distante de Missirá, bairro onde lecionava a aula de língua crioula no chão de papel. Como eu ministrava aulas duas vezes por semana para poder pagar a mensalidade do curso de inglês, eu tinha que economizar nas passagens dos transportes e, portanto, era obrigado a percorrer a pé todo o trajeto de São Paulo a Missirá durante um ano e meio.

No final da semana procurava um trabalho extra para garantir a transporte de alguns dias. E nas férias, independente da circunstância, voltava para casa em Cacine para ajudar os meus pais no trabalho e aproveitava também para conseguir dinheiro antes de voltar. Porém atividade que fazia em Cacine para pegar o dinheiro mais fácil, era extrair o olho de Dendê que é atividade que dá mais dinheiro na nossa região, extraia este olho e levava para vender em Bissau foi assim que arrecadava o dinheiro para pagar os meus estudos e comprar outras coisas que eu precisava. Muito em bora não era muita coisa conseguia resolver problemas.

Porque para mim era mais fácil pegar dinheiro ali do que no Leste ou capital, desse modo, fazia tudo o que era necessário para arrumar o dinheiro antes de voltar.

Entre os anos de 2018 e 2019, no período eu estava com perspectiva de procurar a bolsa de estudo para realizar o meu sonho de um dia entrar numa universidade. Logo, meses depois do meu segundo nível de português na embaixada de Portugal e no centro cultural Brasil, ouvi falar da inscrição para bolsa da UNILAB na embaixada do Brasil, centro cultural Brasil em Bissau. Com apoio da missionária, no ano 2019, me inscrevi nesta bolsa com o intuito de sair para estudar no exterior. No mesmo ano, consegui a bolsa de estudo para Brasil; e hoje concluindo o curso de Bacharel em humanidades BHU

---

<sup>4</sup> O bairro São Paulo é um bairro não é uma cidade de mais de 10 mil Habitante, mas sim um bairro quase rural com acerca de 10 mil moradores, ente localizado próximo aos aeroportos e a avenida que liga Bissau ao resto do país este bairro fica num estuário.

na Universidade da Integração Internacional das Lusofonia Afro-brasileira, um sonho conquistado, um novo momento de desafios.

### **Resultado e Considerações sobre a minha jornada**

Aos estudos autoetnográfico, por centrarem-se numa imersão, não cabem considerações finais, pois a história perpetua pela memória e continua atuando de forma significativa no presente. Nosso trabalho teve como objetivo compreender a minha trajetória educacional a partir da metodologia autoetnografia utilizando as minhas reflexões como pautas de discussão de um problema político e educacional que assola a Guiné Bissau: o acesso e permanência a educação.

A autoetnografia permite que o pesquisador reflita sobre a sua própria experiência ora como sujeito, ora como cientista. Esta metodologia foi baseada em Stacy Holman Jones, Tony E. Adams e Carolyn Ellis (2013), os quais afirmam que a pesquisa autoetnográfico deve estar organizada a partir de quatro etapas: a visibilidade; reflexividade; vulnerabilidade; e rejeição a conclusão.

No primeiro momento, minha reflexão partiu da vulnerabilidade, a vulnerabilidade pessoal de um sujeito imerso a um sistema econômico, social e educacional precário, o qual fomentou a minha trajetória de vida, pela qual narrei sobre as dificuldades que enfrentei juntamente com outros alunos no interior da Guiné Bissau, principalmente no setor de Cacine.

No que concerne a minha trajetória, eu, na condição de estudante que estudava no interior, compreendi que não era uma tarefa fácil por isso trouxe a minha reflexão para compartilhar com o leitor sobre as dificuldades que os/as estudantes enfrentam na zona rural para poder ter acesso e permanência à educação básica. Não foi fácil, eu saía logo no início da manhã, e só voltava a noite com fome, cansado fisicamente e psicologicamente. Me submeti a diversos tipos de violência e descaso, mas sobrevivi para contar essa história.

Tudo seria diferente se na Guiné Bissau existissem mais escolas, professores, infraestrutura básica para a nossa formação. Como relatei, a falta de escolas, de professores no setor, comprometia os estudos, pois eu, assim como outros estudantes deveriam, se pudessem terminar sexto ano na escola privada ou migrar para a capital, essa foi a minha escolha.

Muitos estudantes guineenses não conseguem persistir nos estudos como eu, pois são muitas as dificuldades impostas pelo contexto, muitos são os desincentivos. Na minha jornada, encontrei pessoas que me ajudaram, encontrei oportunidades que me fizeram chegar até aqui, mas eu sou um de muitos que também poderiam estar aqui.

Em, 2019, ao chegar na Universidade, me deparei com outras experiências, novos desafios. Aprendi muito no BHU, por ser um curso interdisciplinar, também aprendi muito com as palestras organizados pelos outros cursos que não fazem parte de BHU, e a experiência no curso me fez ver o quão importante é refletir sobre a minha própria história. Portanto, tudo isso me faz perceber que tudo que aprendi desde Bissau até aqui não foi em vão, essa experiência me deu coragem de participar nas aulas com perspectiva de partilhar o que eu tinha aprendido com os demais.

E desse modo, espero com este trabalho chamar atenção dos nossos políticos no que concerne aos política pública educacional para melhorar as condições dos estudantes que estudam na zona rural da Guiné-Bissau, para que outros estudantes, assim como eu possam ter melhores condições de acesso à educação.

## REFERÊNCIAS

CA, Cristina Mandau Ocuni. **Formação Feminina No Internato de Bor (1933-2011) Na Guiné-Bissau: Reflexão Na Educação da Sociedade Guineenses**

**Contemporânea** Fortaleza 2015. 293. F (Doutor em educação) Instituto de humanidades, de Educação, Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza.

Disponível

[OneDrive/Área%20de%20Trabalho/pasta%20de%20pequenos%20artigos/2015\\_tese\\_moca.pdf](#) acesso em 13 de março 2022

SANTOS, Silvio; Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica I Plural: **Rev. de Ciências Sociais**, USP São Paulo v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

Disponível

em:[OneDrive/Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/113972-Texto%20do%20artigo-265725-1-10-20170829%20AUTOETNOGRAFIA%20TCC%20III.pdf](#). acesso em 20 de maio 2022

ELLIS, Carolyn; FLAHERTY, Michael. Investigating subjectivity: research on lived experience. Newbury Park, California: Sage Publications, 1992. In: SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

JOAQUIM, Paulo Alberto de (org.). **História que se cruzam no Além-mar**: Breve historial de um percurso Estudantil. de Bubaque a unilab. Alexa Embu das artes- São Paulo 2020

Cá, L. O. A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973). ETD - Educação Temática Digital, **Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas**, São Paulo, v.2 , n.1, out. 2000. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-105762> acesso em 01 de junho 2022

DE, Magalhães, Alves; Elisa. Célia. Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares: Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como locus de investigação. **Rev., veredas online – temática – 1/2018 – linguística/UFJF – juiz de fora** Volume 22 nº 1 PUC- Rio – 2018

MEDEIROS, Barcellos. Marielda. autoetnografia de trajetória na vida, no trabalho e na militância. **Rev. Diversidade e Educação**, pelotas RS v.7, n. especial, p.44-67, out. 2019. Doi: 10.14295/de.v7i.Especial.9491 E-ISSN: 2358-8853. Disponível em: <OneDrive/Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/9491-Texto%20do%20artigo-27962-1-10-20191112%20AUTOTNOGRAFIA.pdf>

MANÉ, Aminata Nadia Gomes (org.). **História que se cruzam no Além-mar**: Escolas públicas Na Guiné-Bissau e Caminhos que me levaram a Unilab. Alexa Embu das Artes - SP 2020

MONTEIRO, Armando, Noêmia. **educação familiar**: influência na escolarização e nas escolhas sociais das mulheres guineenses. 2020. 27 f. Tcc (trabalho de conclusão de curso da licenciatura em pedagogia) - instituto da Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Unilab. Campos de Malês. Disponível em: [Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/2020\\_arti\\_noemiamonteiro%20AUTOBIOGRAFIA.pdf](Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/2020_arti_noemiamonteiro%20AUTOBIOGRAFIA.pdf). acesso em: 13 de maio 2022

MOREIRA, Domingos. **Políticas Públicas de Alfabetização de Massa na Guiné-Bissau**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - instituto de Humanidades, Universidade de Rio de Janeiro. 2006. 191. f. Disponível em: <Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/DO%20MEU%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO.pdf>. acesso em: 02 de junho 2022

SEIDE, Braima, Seco. **organização social, política e cultural da etnia balanta**. 2017. Tcc. (Trabalho de conclusão de curso de bacharelado em humanidades) -instituto da Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab. 2017. 56.f. Disponível em: [Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/2017\\_mono\\_sseide%20BALANTA%20AUTOETNOGRAFICO.pdf](Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/2017_mono_sseide%20BALANTA%20AUTOETNOGRAFICO.pdf). acesso em: 24 de junho 2022

SIGA, Fernando. **Educação básica formal na Guiné-Bissau, acesso, Permanência, Desafios e Perspectivas**: uma análise de políticas educacionais guineense de 1995 a 2015. 2020. 184.f, dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto Humanidades, Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/212996>. Acesso em: 25 de junho de 2022

MINDJER, As vozes das mulheres. Além da pressão social e das barreiras institucionais: o papel das mulheres nas esferas de tomada de decisão na Guiné-Bissau. **Rev. Interpeace Escritório Regional para a África Ocidental Villa n° 43, Cité Les Lauriers 5, Deux Plateaux 06 BP 2100 Abidjan, Côte d'Ivoire** 2018. Disponível em: [Área%20de%20Trabalho/PASTA%20DE%20PROJETO%20AUTOETNOGRAFICO/2018-Guinea-Bissau\\_Fala\\_di\\_Mindjer-%20Web-v10%20AUTOETNOGRAFICO.pdf](#). acesso em 03 de julho 2022.